

PEDAGOGIA HOSPITALAR: PEDAGOGO EM UM AMBIENTE DIFERENCIADO

Ana Caroline da Silva¹

Paulla Helena Silva de Carvalho – co-autora²

O objetivo geral deste trabalho foi de compreender a função do pedagogo na classe hospitalar. No entanto, os objetivos específicos foram: conhecer o histórico da Pedagogia Hospitalar no Brasil, investigar a função do pedagogo e como ocorre o trabalho do pedagogo no hospital.

Portanto a pesquisa apresenta como é o trabalho do pedagogo no ambiente hospitalar e se há coerência com a realidade escolar da criança e do adolescente hospitalizado, gerando uma aprendizagem significativa. Ou seja, se este trabalho propicia a continuidade ao processo de aprendizagem realizado na escola de origem da criança, ou se é apenas uma ação para entretê-la durante seu internamento.

1. HOSPITALIZAÇÃO ESCOLARIZADA: NECESSIDADE DE FORMAÇÃO DO ATENDIMENTO HOSPITALAR

Por tempo perdurou a descrença dos profissionais da educação de que fosse possível desenvolver atividades pedagógicas para as crianças num ambiente hospitalar, esse trabalho não era reconhecido pelo Ministério da Educação, sendo apenas realizado por voluntários. Mas o regime de voluntariado apresentava desvantagens, as aulas não eram ministradas com regularidade, pois dependiam de boa vontade dos voluntários, e atendiam somente as crianças que não passariam por cirurgia.

As professoras voluntárias não tinham conhecimento das rotinas administrativas e operacionais do hospital e o acesso às crianças era muito restrito.

Desta forma, surge a Pedagogia Hospitalar para contribuir em um reforço para a auto-estima, conferindo ao educando internado a possibilidade de contribuir para a continuidade de seu desenvolvimento, bem como lhe restituir um espaço de convivência social do qual é inesperadamente afastado (SAREH, 2010, p. 10).

¹ Formada em Pedagogia pela UNIBRASIL - ana9344@uol.com.br

² Mestre em Educação pela UFPR, pedagoga SEED/PR e coordenadora do curso de Pedagogia da UNIBRASIL – paulla_helena@hotmail.com

Bem como, garantindo-se à criança um vínculo com o seu mundo exterior, por meio das atividades da classe hospitalar, promove-se a saúde e a escolarização. Em Curitiba, a proposta de atendimento ao escolar hospitalizado inicia-se em 1988.

A assistente social do Hospital Pequeno Príncipe (HPP), Margarida M. T. Freitas Muggiati, em sua dissertação de Mestrado (1987) intitulada: “Hospitalização Escolarizada, uma nova alternativa para a criança doente” apresenta, na época, uma pesquisa sobre o índice de evasão escolar e analfabetismo entre os estudantes em idade escolar que passam por tratamentos prolongados de saúde, evidenciando assim a importância de um olhar diferenciado para essa clientela numa perspectiva inclusiva que garanta a continuidade de seus estudos formais (NEVES & PACHECO, 2011, p. 2).

Apresentou-se tal pesquisa ao Governo Municipal de Curitiba, com a proposta de requisitar um corpo docente que promovesse o atendimento escolar a crianças e adolescentes internados no Hospital Pequeno Príncipe. A solicitação, denominada “Projeto Mirim de Hospitalização Escolarizada” foi atendida, passando a Secretaria Municipal de Educação de Curitiba (SMEC) a ceder ao hospital uma professora para realizar o apoio escolar individualizado às crianças internadas (NEVES e PACHECO, 2011).

Desde então, a atuação dos docentes no atendimento pedagógico hospitalar no HPP permanece ininterrupta, prestando atendimento pedagógico ao estudante em tratamento de saúde, contando com profissionais capacitados e engajados para esse público de crianças e/ou adolescentes, por vezes fragilizados pela delicada condição de saúde. O Projeto foi bem sucedido que chamou a atenção de demais instituições.

Entretanto, o Hospital Evangélico, o Hospital Erasto Gaetner, o Hospital de Clínicas e Associação da Criança Renal entram em convênio com a Prefeitura Municipal de Curitiba que desenvolve o trabalho de Hospitalização Escolarizada, desde setembro de 2002. Existem atividades “que incluem acompanhamento escolar para crianças e adolescentes hospitalizados, apresentações de teatro, música, contação de histórias, jogos, brincadeiras e inclusão digital” (SZVARCA & ALVES, 2006, p.1).

O projeto deve contribuir para o desenvolvimento e aperfeiçoamento integral do educando enfermo, na continuidade de suas atividades pedagógicas e na recuperação mais rápida de sua saúde.

No ambiente hospitalar é entendida como instrumento redutor dos efeitos traumáticos da internação e do impacto causado pelo distanciamento da criança e de sua rotina. A intenção é de transformar o período de internação hospitalar em um tempo de construção, de conhecimento e aquisição de novos significados. (SZVARCA & ALVES, 2006, p.1).

Busca-se, no espaço disponível desse hospital, conhecer o universo dessas crianças, no respeito a sua história e cultura, na observação de suas atitudes, em cada caso em especial. São planejadas atividades lúdicas que façam parte do cotidiano dessas crianças, a partir de suas necessidades e interesses, a fim de proporcionar maiores descobertas e experiências para elas (SZVARCA e ALVES, 2006).

Contudo, o professor que começa a trabalhar com alunos internados em hospitais, casas de saúde ou até mesmo em casas de apoio deve ter em mente uma proposta de inclusão, reconhecendo a ampliação do conceito das práticas educativas, que não se restringem mais à escola.

Também vemos a peculiaridade da educação no ambiente hospitalar como sendo a de assegurar a manutenção dos vínculos escolares, de devolver a criança para a sua escola de origem com a certeza de que poderá reintegrar-se ao currículo e aos colegas sem prejuízos pelo afastamento temporário ou, ainda, de demonstrar, na prática, que o lugar da criança (mesmo com uma doença crônica, ou sob tratamento de saúde, ou em uso de suporte terapêutico) é na escola, aprendendo e compondo experiências educacionais mediadas pelo mesmo professor que as demais crianças (FONSECA, 2003, p. 8).

Os profissionais que atuam com a Pedagogia têm um papel fundamental na sociedade, este é o profissional que tem formação para trabalhar com a educação, conhece os seus problemas e suas contextualizações. Por meio de diversas atividades pedagógicas, acompanha e intervêm no processo de aprendizagem do enfermo, além de fornecer subsídios para a compreensão do processo de elaboração da doença, em conjunto com a equipe médica pode esclarecer procedimentos e auxiliar a criança/adolescente na adaptação hospitalar, dando oportunidade para que os mesmos possam exercer seus direitos de cidadãos.

Sendo assim, o trabalho realizado com crianças e adolescentes passa por um processo de educação continuada, pois leva o atendimento escolar para dentro do hospital, por meio de materiais pedagógicos que não sobrecarregam o enfermo, intercalando com atividades lúdicas.

2 SERVIÇO DE ATENDIMENTO À REDE DE ESCOLARIZAÇÃO HOSPITALAR (SAREH), NO ESTADO DO PARANÁ

O Estado do Paraná, por meio da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED-PR), implantou o serviço de atendimento educacional aos alunos da rede estadual de ensino que se encontravam impossibilitados de frequentar a escola por motivos de saúde. Motivos estes que levam ao internamento ou tratamento domiciliar, possibilitando o processo de ensino aprendizagem, em virtude da inserção e reinserção em seu espaço escolar.

O SAREH teve início formalmente em julho de 2005, como esclarece a citação mencionada abaixo:

Regulamentada por meio da Resolução Secretarial n. 2.090/05, que contou com representantes dos departamentos de ensino da Superintendência da Educação (SUED) e demais unidades da SEED-PR, com a finalidade de promover estudos para a elaboração de uma proposta de trabalho com metodologia adequada para atender à demanda dos educandos hospitalizados no Estado do Paraná. No desenvolvimento das atividades da comissão, houve a necessidade de integração de técnicos de outras unidades da Secretaria, substituindo a referida Resolução pela publicação da Resolução Secretarial n. 3.302/05 (PARANÁ, 2010, p. 17).

A SEED-PR, em sua política educacional, apontou como princípios: a) a defesa da educação como direito do cidadão; b) a valorização dos profissionais da educação; c) a garantia da escola pública, gratuita e de qualidade; d) o atendimento à diversidade cultural e gestão escolar democrática, participativa e colegiada (SAREH, 2010). Portanto, tendo como um de seus princípios o direito fundamental que é a cidadania, o atendimento escolar hospitalar é um exemplo porque inclui um processo de desenvolvimento individual próprio à condição humana. Além dessa perspectiva individual, este direito deve ser visto, sobretudo, de forma coletiva, como um direito a uma política educacional do Estado que ofereça à sociedade instrumentos para alcançar seus objetivos.

Sendo assim, defende-se a valorização do trabalho escolar unificado, ou seja, de educação independente do espaço em que ocorre. Para isso é necessário valorizar sujeitos da ação educacional, de forma que se conscientizem do seu papel e da sua contribuição para as mudanças que se fazem necessárias dentro das escolas e fora delas.

Segundo seu o projeto pedagógico o SAREH:

Objetiva o atendimento educacional aos educandos que se encontram impossibilitados de frequentar a escola em virtude de situação de internamento hospitalar ou tratamento de saúde, permitindo-lhes a continuidade do processo de escolarização, a inserção e a reinserção no ambiente escolar (2010, p.3).

O trabalho realizado nos hospitais conveniados tem garantido o retorno dos alunos, após a alta hospitalar, sem perdas significativas na aprendizagem, pois o trabalho desenvolvido pela equipe do SAREH é o mesmo desenvolvido nas escolas, ou seja, é proporcionada ao aluno a abordagem sob o ponto de vista da Educação Inclusiva quanto à avaliação, adaptação curricular e materiais adaptados.

Para que o trabalho educativo ocorra tal qual o da escola, na medida do possível, o SAREH disponibiliza uma pedagoga para cada hospital conveniado e três professores, que são divididos em três áreas do conhecimento: Exatas (matemática, física, química, ciências e biologia); Linguagem (língua portuguesa, língua estrangeira, educação física, teoria e artes); Humanas (geografia; história, filosofia, sociologia e ensino religioso). Até a presente data, são oito as instituições que sugeriram firmar termo de cooperação técnica, absorvendo o SAREH em suas estruturas administrativas, com o acompanhamento e supervisão da SEED-PR.

Estas estão localizadas em três regiões do Estado do Paraná, sendo: a) Associação Hospitalar de Proteção à Infância Doutor Raul Carneiro (que representa o Hospital Pequeno Príncipe em Curitiba, b) Associação Paranaense de Apoio à Criança com Neoplasia (APACN) em Curitiba, c) Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná em Curitiba; d) Hospital do Trabalhador em Curitiba; e) Hospital Erasto Gaertner em Curitiba; f) Hospital Universitário Evangélico em Curitiba, g) Hospital Universitário Regional em Maringá, h) Hospital Universitário Regional do Norte do Paraná em Londrina.

As pedagogas do SAREH têm a função de fazer o contato com a equipe de saúde para obterem a liberação para dar o atendimento ao aluno, fazem todo o procedimento de entrar em contato com a escola de origem da criança/adolescente sobre seu internamento, bem como encaminham o material que está sendo trabalhado com os mesmos, sendo um trabalho de escolarização que busca garantir ao aluno hospitalizado o acesso ao currículo desenvolvido em sua escola de origem, organizam a hora-atividade contribuindo com a continuidade das atividades

pedagógicas e sendo assim supervisionam a elaboração de pareceres avaliativos de cada indivíduo. O planejamento deve ser flexível e regulado de acordo com a disposição diária da criança e ou adolescente em tratamento. As atividades muito longas podem ser cansativas para eles, devido seu estado de saúde.

Segundo Padilha (2001), afirma que:

É sempre processo de reflexão, de tomada de decisão sobre a ação, processo de previsão de necessidades e racionalização de emprego de meios (materiais) e recursos (humanos) disponíveis, visando à concretização de objetivos, em prazos determinados e etapas definidas, a partir dos resultados das avaliações (PADILHA, 2001, p.30).

A ação da educação no contexto hospitalar é proporcionar às crianças e adolescentes hospitalizados momentos de aprendizado, prazer, de apropriação de conhecimentos, gerando situações de reflexão, portanto “nunca deve perder de vista o alvo do seu trabalho o ser humano que no momento necessita de ajuda, para erguer-se de seu estado físico e psicológico acarretado pela doença” (MATOS & MUGIATTI, 2001, p. 40 - 41).

Além disso, tal trabalho necessita de um pedagogo que domine o conhecimento teórico-prático da organização do trabalho pedagógico, como pode-se constatar na afirmativa de Matos e Mugiatti.

O pedagogo hospitalar deve desenvolver habilidades para exercer suas atividades em sistemas integrados, em que as relações multi/inter/transdisciplinares devam ser estreitas. Tal condição requer um fazer e um agir que não devem estar vinculados a processos estanques, deixando o educador livre para desenvolver e criticar a sua ação pedagógica, a fim de fazê-la reflexiva e transformadora da realidade que envolve o escolar atendido em contexto hospitalar (2006, p. 116).

O incentivo no processo de escolarização do educando hospitalizado, causa segurança, o que traz benefício e melhora para o rendimento de processo de cura em sua totalidade. Pois, cada criança e adolescente é um novo desafio. Por isso as pedagogas precisam estabelecer propostas criativas, comprometidas e competentes, para que o aprender ocorra e o aluno se desenvolva.

Segundo o SAREH (2010) afirma que:

A construção da prática pedagógica, para atuação em ambiente hospitalar, não pode esbarrar nas fronteiras do tradicional. As dificuldades, muitas vezes, persistem porque não se consegue ver nelas a oportunidade de uma atuação diferenciada, pois as percepções de condutas e ações estão ainda

muito enraizadas nas formações reducionistas. Essa prática, portanto, deve transpor as barreiras do tradicional e as dificuldades da visão cartesiana. A ação pedagógica, em ambiente e condições diferenciadas, como é o hospital, representa um universo de possibilidades para o desenvolvimento e ampliação da habilidade do pedagogo/educador. Desenvolver tais habilidades requer uma visão oposta à contemplada pelo reducionismo, ou seja, ela deve, sim, contemplar o todo (p.51).

Portanto, o educador necessita permanecer sempre capacitado, para que seja capaz de mediar suas ações pedagógicas, em virtude do domínio para oferecer um desempenho sustentado pelas necessidades e características de cada criança e adolescente hospitalizado, com uma visão sistêmica da realidade hospitalar e da realidade escolar do hospitalizado.

3. METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa que se concretiza por estudo de referencial teórico do tema e ainda no levantamento de dados feito por meio de questionário, entrevista e observação no ambiente hospitalar. Tais instrumentos se fizeram necessários para análise e favorecendo a compreensão dos fatos.

A pesquisa qualitativa é basicamente usada para aprofundar-se no entendimento de um fenômeno específico.

Segundo Chizzotti (2006) no que refere-se à pesquisa qualitativa afirma que:

A pesquisa qualitativa é uma designação que abriga correntes de pesquisa muitos diferentes. Em síntese, essa corrente se fundamenta em alguns pressupostos contrários ao modelo experimental e adotem métodos e técnicas de pesquisa diferente dos estudos experimentais (p.45).

A expressão pesquisa qualitativa assume diferentes significados no campo das ciências sociais. Compreende um conjunto de diferentes interpretações que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados.

Os métodos qualitativos se assemelham a procedimentos de interpretação dos fenômenos que empregamos no nosso dia a dia que tem a mesma

natureza dos dados que o pesquisador qualitativo emprega em sua pesquisa. Neste caso, o fenômeno estudado é o papel do pedagogo na classe hospitalar e os dados se revelam a partir da observação em campo e coleta de informações com entrevistas e questionários.

Como recurso metodológico foi aplicado um questionário contendo 10 questões abertas para pedagogas atuantes no ambiente hospitalar com crianças e adolescentes.

Segundo Chizzotti (2006) afirma que:

O questionário consiste em um conjunto de questões pré-elaboradas, sistemática e sequencialmente dispostas em itens que constituem o tema da pesquisa, com o objetivo de suscitar dos informantes respostas por escrito ou verbalmente sobre assunto que os informantes saibam opinar ou informar (p-55).

Os questionários em geral respondidos por informantes a fim de identificar o problema, é necessário que o informante compreenda as questões que lhe são propostas.

No presente estudo as questões têm abordagem qualitativa, com o objetivo de levantar elementos para compreensão da função e atuação de pedagogos na classe hospitalar.

Foi utilizado como instrumento de análise da ação pedagógica no ambiente hospitalar, um questionário semi-estruturado contendo questões abertas, destinado às pedagogas que atuam no HC (Anexo 1). A participação desses profissionais foi de suma importância para o levantamento de dados para o desenvolvimento desta pesquisa.

4. A PRÁTICA: O PROGRAMA SAREH NO HOSPITAL DE CLÍNICAS

Dia cinco de agosto de 1961 foi oficialmente inaugurado o Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná, localizado na Avenida General Carneiro, 181 Curitiba/PR, sendo o maior prestador de serviços do Sistema Único de Saúde (SUS) do Estado do Paraná. O SUS é constituído pelo sistema público

vigente no país, é um sistema federativo, organizado de forma descentralizada, com participação dos três níveis de Governo, em âmbito Federal, Estadual e Municipal.

O atendimento prestado à comunidade não se limita a pacientes oriundos da capital Curitibana, pois o Hospital das Clínicas (HC) recebe pacientes da Região Metropolitana, de outras cidades do Paraná e de outros estados.

O HC é um grande hospital que conta com especialista de diversas áreas médicas. A equipe que atua com crianças e adolescentes hospitalizados está dividida em professores de primeiro ao quinto ano do ensino fundamental e professores que atuam com o ensino de sexto ao nono ano do ensino fundamental e atendem também alunos do Ensino Médio.

Esses profissionais fazem parte do quadro funcional do Estado da Secretaria de Educação e foram selecionados por processo seletivo interno, para fazerem parte do SAREH. Entretanto os professores que atendem pacientes de primeiro ao quinto ano são contratados pela Prefeitura Municipal de Curitiba e cedidos, para atuar em contexto diferenciado.

Sendo assim, no referido programa pode-se dizer que a classe hospitalar é considerada como parte integrante do ano letivo de cada enfermo. Para não prejudicar o aprendizado, as pedagogas seguem o currículo da escola de origem do mesmo. Deste modo o educando pode dar continuidade em sua rotina escolar.

As aulas não se destinam somente às crianças e adolescentes internados, beneficia também as que recebem tratamento durante o dia. Em virtude disso, as pedagogas do local trabalham com alguns projetos semanais, os quais abordam temas contendo diversas atividades e curiosidades, para mães adolescentes que pararam de estudar, o mesmo se direciona a Saúde e Educação na Maternidade, abrangendo as doenças sexualmente transmissíveis, mostrando a elas que independente de ter filhos a educação escolar tem que continuar.

O ponto de partida foi conhecer o ambiente hospitalar, os profissionais que nele trabalham e como são distribuídos. Cada espaço contém um profissional cedido pela Prefeitura de Curitiba e são divididos da seguinte forma: dois padrões atendendo no 15º andar a Transfusão de Medula Óssea na parte da manhã e Ambulatório à tarde, no 14º andar na parte da tarde na Clínica Pediátrica, no 13º andar na parte da manhã na Clínica de Cirurgia Pediátrica, no 3º andar a tarde na Secretaria Pediátrica, na parte da manhã no Ambulatório Menino Jesus que fica situado fora do Hospital das Clínicas, contendo também uma pessoa responsável

que atende a parte de humanização e uma Pedagoga sendo contratada diretamente pelo Hospital, que coordena as professoras que são cedidas pela Prefeitura.

As professoras do SAREH disponibilizadas são quatro, dentre sua formação contém as áreas: humanas, linguagem e exatas. A realização do atendimento escolar no hospital é somente à tarde, pois os fluxos de crianças são mais abrangentes, tendo uma Pedagoga e coordenadora que faz o trabalho de educação hospitalar do SAREH.

Uma vez por ano, geralmente no início, o Estado e o Município enviam para o hospital uma quantidade de material didático escolar para ser utilizado como: lápis de escrever, borracha, lápis de cor, papel sulfite, massinha, canetinha, cadernos, jogos educativos, livros e etc. Porém, a pedagoga entrevistada julga este material como insuficiente, pois considera que deveria receber maior quantidade, pois com a rotatividade de alunos o gasto de material é grande, pois, as crianças com doenças infecto contagiosas levam os materiais, pois estes não podem ser utilizados por outra criança. A maioria das crianças gosta tanto do trabalho pedagógico realizado, que querem levar para casa o material utilizado. Todas as fotocópias utilizadas pelas pedagogas e pelas crianças ali internadas são pagas pelo hospital.

No caso dos leitos isolados, porém, adotam-se alguns procedimentos adicionais para se evitar a infecção hospitalar, como jalecos utilizados pelas pedagogas e professoras que ficam nos leitos. Depois de utilizar os livros os mesmos vão para um freezer: o congelamento elimina as bactérias e impede que as infecções se espalhem por intermédio dos usuários do material didático.

Neste período de escolarização das crianças e adolescentes internados, muitos pais ali presentes aproveitam o momento para sair, tomar banho, comprar algo, dormir e etc. Em outros casos, os pais pedem para fazer as atividades juntos com os educandos para aprender ou participar deste processo educativo. Existem também pais que participam junto para ver a capacidade do filho (a) em aprender e observar sua recuperação.

O educando participa diretamente do processo ensino-aprendizagem, ocorre por meio da interação, não há hierarquia entre outros enfermos, o respeito é fundamental neste processo de aprendizagem, pois cada um possui uma

característica diferente, com isso a socialização de idéias acaba ficando mais rica e consistente, com a intervenção do professor.

Para que as crianças e adolescentes tenham continuidade no processo de ensino–aprendizagem, a pedagoga do SAREH faz todo o levantamento de cada criança e adolescente. O primeiro contato se inicia por telefone, com a pedagoga ou direção da escola de origem da criança. Posteriormente é realizada a orientação de como preencher o livro de registro, o que deve enviar para o aluno e sendo assim aguardar o retorno dos pareceres dos professores da educação hospitalar.

O contato com os pais é realizado pela pedagoga nos quartos, leitos ou no ambulatório, com preenchimento de ficha cadastro. Há repasse das informações aos professores do SAREH no mesmo dia, sendo realizado o atendimento conforme o ano do aluno, assim as professoras irão atender as crianças com o material apropriado.

No encaminhamento de planejamento e recursos, as professoras planejam as aulas e conteúdos dos alunos que vão ficar por mais de três dias internados e principalmente dos alunos da oncologia que ficam meses, às vezes até anos. Neste caso, é solicitado à escola de origem o planejamento dos professores por completo. Quanto aos alunos que ficam menos tempo, sempre têm atividades relacionadas ao ano em que estão.

O processo de avaliação é concomitante ao ensino e posteriormente por meio de pareceres do professor que consta em uma ficha para cada aluno e matéria. O encaminhamento das atividades e pareceres para a escola de origem é por meio da pedagoga, aos pais ou em caso de não dar tempo de entregar, devido às altas médicas, que podem ser inesperadas, é enviada pelo correio ou através do Núcleo de Educação.

A pedagoga do SAREH que atua no HC elaborou um projeto de estudo qualitativo que pretende avaliar os conhecimentos sobre a Atenção Pedagógica ao Paciente com Doenças Falciforme³.

Este projeto vai funcionar da seguinte maneira: em rodas de conversa falando sobre o assunto, ao final serão avaliadas a percepção e compreensão sobre a capacidade de aprendizado e aos modos de aprender, por meio de atividades

³ Doença Falciforme é uma alteração genética (anemia), que teve origem na África e foi trazida às Américas pela imigração forçada de escravos. Disponível em: http://www.medicinanet.com.br/conteudos/biblioteca/2269/1_o_que_e_doenca_falciforme.htm. Acesso em: 10/12/2012.

desenvolvidas a partir de seu contexto e de avaliações, sobre o conhecimento aprendido sua atualidade e sobre o cuidado e o autocuidado para promover a melhoria de qualidade de vida e longe vida.

O material didático elaborado vai conter uma cartilha/manual com informações sobre a doença. Implantando um processo de informações aos pais e as crianças diagnosticadas com doença. Os riscos são desprezíveis ao passo que os benefícios são evidentes, pois quanto mais informações os pacientes tiverem sobre a moléstia melhores serão as suas ações para minimizar os seus efeitos.

Estas observações realizadas levam-nos a pensar que os novos campos de atuação para o pedagogo tornam esta prática cada vez mais necessária e importante para que haja a oportunidade de aprendizado escolar da criança e adolescente internado. Os termos pedagogia hospitalar e classe hospitalar têm sido discutidos como uma proposta de aprendizado que tendo em vista pensar na ação educativa no hospital como um processo de humanização.

A sua atuação, nesse sentido, é uma reforçada contribuição ao trabalho multidisciplinar no contexto do hospital tendo condições de desenvolver um trabalho sincronizador, didático e pedagógico (MATOS; MUGIATTI, 2006 p. 16). Assim, a formação dos profissionais para atuação neste espaço é de suma importância, pois o pedagogo será o mediador para restaurar os laços da criança e adolescente internados com o cotidiano escolar, intervindo para que estes tenham uma melhor interação social, respeitando os limites clínicos de cada indivíduo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa foi instigada a partir de como o trabalho do pedagogo poderia contribuir na aprendizagem de crianças e adolescentes hospitalizados, sendo este importante para o desenvolvimento da aprendizagem.

Como o enfermo tende a se afastar do seu meio social, a pedagogia hospitalar vem dar suporte com o propósito em dar continuidade no processo educativo, tornar um ambiente mais humanizado e agradável, trabalhando individual e coletivamente respeitando os limites do enfermo.

Pode-se perceber, por meio do questionário, que esse trabalho é realizado com base na legislação e no currículo escolar para que se possam planejar atividades coerentes de acordo com a idade da criança.

Por meio deste estudo pude investigar de maneira prática e teórica, a importância das classes hospitalares e a sua contribuição para a educação, como elemento de continuidade e até mesmo em muitos casos de início da escolarização, para crianças e adolescentes. O pedagogo tem um papel fundamental na sociedade visto que este é o profissional que tem formação para trabalhar com a educação, conhece os seus problemas e suas contextualizações.

A pedagogia hospitalar é uma área que integra saúde e educação, lidando com o conhecimento e seus múltiplos processos e está em desenvolvimento e adentrando cada vez mais em ambientes antes não percorridos pela pedagogia, trazendo transformações significativas para a realidade do escolar hospitalizado. Porém, vale ressaltar que a atuação do pedagogo no hospital não altera seu objeto de estudo, é só mais um espaço de atuação.

Os atendimentos pedagógicos oferecidos aos alunos em hospitais ou até mesmo em domicílio devem ter o conhecimento da sociedade, para os que eventualmente necessitem se afastar da escola por motivos de patologias possam usufruir desse benefício.

O atendimento pedagógico hospitalar oferece recursos para a aprendizagem e para o desenvolvimento de crianças e adolescentes internados, minimizando as suas condições adversas potencializadas, pela doença ou pelo tratamento, tais como: insegurança e baixa autoestima.

Diante do exposto fica claro que a função do pedagogo, dentro das instituições hospitalares é mediar às relações entre a escola e a criança ou o adolescente internado, ensinando e dando continuidade aos conteúdos, seja atuando diretamente com o aluno ou com os professores.

Mediante este estudo percebe-se que o pedagogo tem o âmbito às funções de: participação no planejamento das atividades, a orientação aos professores e pais, e participação no desenvolvimento das atividades, ou seja, neste ambiente que é a classe hospitalar, observa-se a participação contínua do pedagogo em todos os processos no qual está inserido.

De maneira geral a pesquisa contribuiu para o entendimento do papel do pedagogo e da educação para os indivíduos, principalmente, aqueles que por motivo

de saúde ficam fora deste contexto, dar-se aí a importância das classes hospitalares e a formação do pedagogo para esta realidade.

As intervenções realizadas constituíram-se em um elemento importante para o resultado desta pesquisa. A atuação junto às crianças e adolescentes que se encontravam em tratamento, possibilitou um acompanhamento desta realidade, confirmando também a necessidade do pedagogo no hospital, visto que as necessidades educacionais da criança e adolescentes internados também devem ser respeitadas e priorizadas.

A presença do profissional pedagogo no hospital pode colaborar positivamente na educação das crianças e adolescentes internados, desde que sua presença seja compreendida, como uma possibilidade de desenvolvimento de trabalho em parceria, sem hierarquizações, de mãos dadas com os demais profissionais.

Finalizando este trabalho, podemos ressaltar que embora a formação do pedagogo, para a atuação em classe hospitalar ainda precise ir além da especialização, a sua contribuição para a educação é de fundamental importância, pois além de ocupar-se deste espaço, a sua presença nas classes hospitalares significa que este ambiente por meio da linguagem, do afeto, das interações sociais que este pode propiciar.

Portanto, a pedagogia hospitalar e a formação do pedagogo para esta realidade é de fato imprescindível e carece atenção.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, A. Janela. Sociologia da Educação Não-Escolar: reatualizar um objeto ou construir uma nova problemática. In: A. J. Esteves (Org.). **A sociologia na escola: professores, educação e desenvolvimento**. Porto: Afrontamento, 1989.

AROSA, Armando C.; SCHILKE, Ana Lucia (Org.). **Quando a Escola é no Hospital**. Niterói: Intertexto, 2008.

BRAGA, D. **Acidente de Trabalho com Material Biológico em Trabalhadores da Equipe de Enfermagem do Centro de Pesquisa do Hospital Evandro Chagas: um olhar de saúde do trabalhador.** [Dissertação de Mestrado]. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, 2000.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Definições e Normas das Instituições e Serviços de Saúde.** Diário Oficial da União de 5/4/1977. Seção I, Parte I, p. 3929, 1977.

BRASIL. **ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE.** Lei nº 8.089, de 13 de julho de 1990.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Política Nacional de Educação Especial.** Secretaria de Educação Especial, v 1. Brasília: DF, 1994.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde. **Legislação e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos.** Brasília: CNS, 1997.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais.** São Paulo: Cortez, 2006.

COLLARES, Cecília Azevedo Lima; MOYSÉS, Maria Aparecida Afonso. **Preconceitos no Cotidiano Escolar: Ensino e Medicalização.** São Paulo: Cortez, 1996.

COSTA, Mariana Saad Weinhardt. **Um Novo Olhar Para a Formação do Professor no Processo Escolar com a Utilização de Ambiente Virtual de Aprendizagem.** [Dissertação de Mestrado]. Curitiba: PUC, 2008.

FONSECA, Eneida Simões. **Atendimento Escolar no Ambiente Hospitalar.** São Paulo: edvMemnon, 2003.

LIBÂNIO, José Carlos. **Tendências Pedagógicas na Prática Escolar.** In: Revista da Ande. 1982, nº 6.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira. MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Farias. **Pedagogia Hospitalar.** Curitiba: Champagnat, 2001.

MATOS, E . L .M.; MUGIATTI, M.T.F. **Pedagogia Hospitalar: A humanização integrando educação e saúde.** Petrópolis: Vozes, 2006.

MENEZES, Cinthya Vernizi A. **A Necessidade da Formação do Pedagogo para Atuar em Ambiente Hospitalar:** um estudo de caso em enfermarias pediátricas do Hospital de Clínicas da UFPR. [Dissertação de Mestrado]. Florianópolis: UFSC, 2004.

NEVES. Fabiana. **PACHECO. Mirta Cristina Pereira. A escolarização Hospitalar na Rede Municipal de Ensino de Curitiba: retomada histórica (1988-2010).** **X Congresso Nacional de Educação.** Curitiba: PUC/PR, Nov, 2011.

PADILHA, Paulo Roberto. **Planejamento Dialógico:** como construir o projeto político – pedagógico da escola. São Paulo: Cortez, 2001.

PARANÁ. SAREH. **Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar.** Secretaria de Estado da Educação. Curitiba: SEED-PR, 2010.

PAULA, Ercilia Maria Angeli T. **Escola no Hospital:** espaço de articulação entre educação formal e educação não formal. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-316-12.pdf>. Acesso em: 21 de maio 2012.

RIBEIRO, Herval Pina. **O hospital:** história e crise. São Paulo: Cortez, 1993.

SZVARCA, Yara Maria; ALVES, Zulmira. **A Criança Hospitalizada:** aprender a (e) brincar é só começar. Anais do I Fórum Nacional de Atendimento Escolar Hospital. São Paulo: 2006.